

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

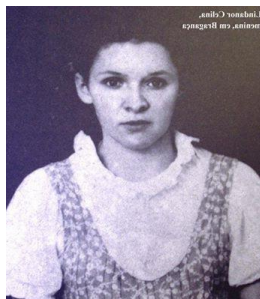
LINDANOR FAZ 100 ANOS

Josebel Akel Fares

Depois da leitura de todos os textos que compõem este número da revista Sentidos da Cultura que presta homenagem à escritora Lindanor Celina, fiquei com vontade de também dizer um pouco sobre a minha relação de leitora e de amizade com Lindanor. A escritora é dona de uma prosa líquida, aquela que escorre sem impedimentos, fluida, sem barreiras de compreensão, fato que levou a ser chamada de contadora de história no sentido pejorativo. O plantão intelectual não suportava seu jeito simples de dizer, seu sofisticado e descontraído jeito de viver, de se vestir e de falar. Era um gosto ouvi-la transportar para voz as muitas histórias que contava na ficção. Tinha uma performance livre das formalidades instituídas, cheias de risos, sempre a vi e a conheci assim.

E a conheci faz muitos anos... Ainda era uma jovem estudante do ginásio do Colégio Estadual Augusto Meira. A professora Enilda, que mais tarde seria Newman, apresentou a turma uma menina que vinha de Itaiara e se chamava Irene, era arteira, cheia de artimanha, cheia de histórias e de conversas capazes de fazer rir e chorar. Depois a professora foi embora de Belém para estudar mestrado e não voltou mais para cá, foi ela quem escrevera a dissertação inaugural sobre a obra de Dalcídio Jurandir. Irene e Enilda eram íntimas, talvez irmãs, tinham jeitos e forças parecidas. Elas traziam no peito o desejo de transformar. Como me encantei com as aulas de leitura e com as narrativas de Irene, história que pareciam tanto com as minhas, me identifiquei, ainda que fôssemos de gerações um pouco diferentes. Enilda foi uma das melhores professoras que tive, quis dizer isto a ela, nunca a encontrei, hoje já não sei se vagueia

pela terra ou se já é pássaro, senti vontade de fazer este registro, em um texto sobre Lindanor. Professores quase nunca sabem as marcas deixadas nos alunos, a vivência é de desejos e suposições.



Tinha outro encontro marcado com menina de Itaiara, agora Lindanor Celina, quando fui estudar Estética, disciplina eletiva do básico de Letras nos idos dos anos 70. Saíamos do campus do Guamá e íamos para a Escola de Teatro, situada às proximidades do largo da Trindade, subíamos as escadarias do velho casarão e as aulas eram o encontro com o poético. Lindanor contava de suas noites com Borges. E lia muitos poemas dele para nós, jovens que, no máximo, chegáramos aos vinte anos. Deslumbramo-nos com flamenco, trazido para a aula em Long Play (LP) naquelas eletrolas portáteis, ouvíamos a música, assistíamos-la dançar e a instigar os rapazes para ser seu par. Todos os alunos, que nem eram tantos, ficavam envolvidos na alegria estética, no gozo estético, até então nunca sentido em uma aula na academia. O tempo foi curto. Ela também foi embora para França, nem terminou o semestre. Nos guardados da memória, ficaram os momentos de fruição, o gosto por flamenco, por Borges. Um professor padre a substituiu.

Nossos próximos encontros eram através da Minarete e das notícias na coluna do Edvaldo Martins. Foi pelos jornais que tivemos a notícia que o nosso livro *Texto e Pretexto, experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores paraenses*¹ fora adotado por ela na cadeira de Literatura Brasileira, em Lille II –

¹O livro teve três edições. A primeira (SEMEC, 1988, 4 volumes) destinada a alunos das Escolas Municipais de 5ª a 8ª series do Primeiro Grau. A segunda (CEJUP, 1992, 2 volumes) com indicativo de um volume para alunos de 5ª e 6ª series e o outro para alunos de 7ª e 8ª series e 2º grau. A terceira (CEJUP, 1996, 2 volumes) sem indicação de séries.

na França. Depois, ainda que não fôssemos tão íntimas, mantínhamos correspondências esparsas. Ela era uma grande correspondente e eu uma péssima. Josse Fares, Paulo Nunes e eu ficamos mais próximos dela. Quando estava em Belém, nunca deixou de passear conosco, jantar em nossas casas, sempre linda com seus vestidos, saíões, chapeuzinhos descolados e muitas conversas, muitas trocas e aprendizagens sobre um mundo desconhecido naquele momento, que ela nos incentivava a conhecer, a visitá-la, animava-nos a sermos viajantes do mundo estrangeiro.



Foto da 1ª edição (1988) do Texto e Pretexto. Locação na samaumeira do Largo de Nazaré. Da esquerda para direita: Rey Vinas, Josse Fares, Paulo Nunes, Josebel.
Foto Leila Reis.

Então, nossa aproximação maior foi por meio do *Texto e Pretexto. Experiência de Educação contextualizada a partir da Literatura feita por autores paraenses*, de autoria Josse Fares, Paulo Nunes, Rey Vinas e minha, lançado pela SEMEC, em 1988. Livro texto da disciplina Literatura Paraense, incluída no currículo das escolas municipais de Belém, com objetivo de aproximar o aluno da leitura dos escritores locais. Aliado ao projeto curricular, desenvolvíamos o projeto de extensão “O escritor vai à escola” e sempre que possível, como expresso no título, levava escritores às escolas da rede municipal de Belém. Irene fazia sucesso e a chegada de Lindanor Celina na Escola Rotary foi uma alegria para alunos, que se engalfinhavam para pegar o melhor lugar no Barracão Cultural. Ouviam-na atentamente, gargalhavam com suas brincadeiras e piadas, perguntavam. A tarde foi calorosa em todos os aspectos.



Espantos da viajante Lindanor

Foto: Waldemar Carvalho

Quem disse que santo de casa não faz milagres? A prova disso é que, na tarde da última quarta-feira, a escritora paraense Lindanor Celina, ao participar de um debate acerca do livro didático "Texto e Pretexto", editado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura — Semec —, com os alunos da Escola do Rotary, à Passagem Laura Malcher, 279, no bairro da Condor, foi surpreendida por uma procura maciça de autógrafos por parte dos estudantes.

Ladeada pelos professores Paulo Nunes, Josebel Akel Fares e Josse Fares, que juntamente com Reivaldo Vinas são os autores do 1º livro didático regional "Texto e Pretexto", que reúne textos de sete autores paraenses, Lindanor Celina conversou com os alunos da 5ª à 8ª séries do 1º Grau da Escola do Rotary, sobre sua carreira enquanto escritora. Ela salientou que nasceu em Castanhal e, em 1957, foi para a capital francesa, dado o fato de ter sido contemplada com o Prêmio Literário "Saint Exupéry", promovido pela Aliança Francesa de Paris.

A escritora relatou que, nos 14 anos em que permaneceu em Paris, vem desenvolvendo, entre outras atividades, um trabalho na maior universidade do norte da França, a Universidade de Lille, onde ministra as disciplinas Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira, incluindo autores paraenses.

Sobre "Texto e Pretexto", editado pela Semec em maio deste ano, dentro do Projeto Modular Integrador de Educação e Cultura, e que reúne textos dos autores Apio Campos, J. J. Paes Loureiro, Barata, Dalcídio Jurandir, Eneida de Bruno de Menezes e a própria Lindanor Celina, a escritora ressaltou que



Lindanor Celina com os alunos da Escola Rotary

o primeiro fruto do trabalho de regionalização dos currículos escolares da rede municipal de ensino foi a forma calorosa com que foi recebida na Escola do Rotary. "Acho excelente a idéia do livro didá-

tico regional e penso que a Semec deve continuar nessa estrada" observou a escritora.

O livro "Texto e Pretexto" é utilizado por cerca de 13.000 estudantes da

rede municipal de ensino, como complemento da disciplina Literatura Paraense, recentemente implantada nos currículos desses estabelecimentos de ensino, ao lado das disciplinas Estudo de Questões Regionais e História do Pará.

Após pedir aos alunos que se dedicassem aos estudos, a escritora Lindanor Celina conclamou os estudantes a cantar, no que foi atendida. Os alunos, juntamente com a escritora, cantaram as canções "Foi Assim", de Paulo André e Ruy Barata, e "Trem das Onze", de Adoniran Barbosa. Em seguida, Lindanor Celina, atendendo a pedidos dos estudantes, cantou a composição "Folhas Mortas", de Jacques Prévert.

Ao final do encontro com os estudantes da Escola do Rotary, a escritora, em companhia do secretário Marcelo Mazzoli e da diretora da escola, Guidail Oliveira, convidou a todos os alunos para o lançamento de seu novo livro, intitulado "A Viajante e Seus Espantos", a ter lugar no prédio da Academia Paraense de Letras, às 19.00 horas do próximo dia 1º de setembro. Logo após, a escritora concedeu autógrafos aos estudantes daquele estabelecimento de ensino, que a cercaram em busca de uma lembrança da autora.

"O livro 'A Viajante e Seus Espantos', é constituído de crônicas de andar e ver, ou seja, de tudo aquilo que vi pelo mundo", relatou a escritora. Além de "A Viajante e Seus Espantos", Lindanor Celina é autora das seguintes obras: "Menina que vem de Itaiara"; "Estradas do Tempo Foi!"; "Breve Sempre"; "Pranto por Dalcídio Jurandir" e "Afonso Continuo, Santo de Altar".

Eduardo Rocha Da Semec

Ainda sobre o livro, Lindanor nos contara que ao se hospedar na casa do amigo João Marques, escutara da moça que trabalhava na casa da família um relato. Ela afirmava que havia lido um livro seu, e que tinha até uma foto da escritora. Julgando o fato estranho, pediu para que lhe mostrasse o livro, e então, a moça trouxe um dos volumes do Texto e Pretexto. Ela estudava em uma escola municipal, fazia supletivo, e os livros foram distribuídos a todos os alunos de 5ª a 8ª série.

Papo alegre com Lindanor

A irreverência da escritora paraense Lindanor Celina foi a tônica do debate que manteve com os alunos da Escola Rotary, no bairro da Condor, na última quarta-feira. Ela fez tanto sucesso que, ao final do encontro, quase não consegue sair do interior da sala de aula onde foi realizado o debate: dezenas de estudantes cercaram a escritora em busca de autógrafa, ou alguma questão não completamente esclarecida no alegre bate-papo. Não fossem os professores controlarem o ritmo dos alunos, e "eu teria sido esmagada — com muito amor, é claro", declarou, meio surpresa, a escritora.

Com viagem marcada para o Rio de Janeiro no próximo dia 3 de setembro, Lindanor Celina fará o lançamento — dois dias antes, às 19 horas — de sua mais recente obra, o romance "A viajante e seus espantos", em solenidade a ser realizada na Academia Paraense de Letras. A temática abordada no livro, segundo definiu a própria autora, enfoca "os espantos dos viajantes com o que encontram em seu caminho; são minhas impressões sobre o que vejo nessas viagens; enfim, o que mais me atraiu e me atingiu nessas andanças; são meus deslumbramentos".

O debate com os alunos da Escola Rotary girou em torno do livro "Texto e Pretexto", autoria dos professores Josebel Akel Fares, Josse Fares, Paulo Nunes e Reivaldo Vinas. Com textos dos autores paraenses Apio Campos, J.J. Paes Loureiro, Ruy Barata, Dalcídio Jurandir, Eneida de Moraes, Bruno de Menezes e a própria Lindanor Celina, o livro, editado em maio deste ano pela Secretaria Municipal de Cultura, faz parte do Projeto Modular Integrador de Educação e Cultura. Desenvolvido pela Semec, o Projeto objetiva propiciar um estudo mais contextualizado, no tocante à produção cultural na região amazônica, aos cerca de treze mil estudantes da rede municipal de ensino, como complemento das disciplinas Literatura Paraense, Estudos e Questões Regionais e História do Pará — o lançamento destas duas deverá ocorrer até o final deste ano.

Descontração e canto

O debate entre os alunos da quinta a oitava séries do primeiro grau da Escola Rotary e Lindanor Celina, do qual também participaram os professores daquele estabelecimento de ensino, foi marcado pela descontração, patrocinada pela escritora. Em meio às narrações sobre como se tornou escritora, sua carreira e as muitas viagens que realizou pelo mundo, acabou demonstrando ser uma ótima intérprete de músicas brasileiras e francesas.



A escritora, durante o debate, falou sobre literatura...



... e, ao final, foi cercada para conceder autógrafos

Barbosa, e até "Folhas mortas", do compositor francês Jacques Prevert, a pedido dos próprios alunos. Também houve espaço para bons conselhos e até um juramento, pelo qual os estudantes se comprometeram a estudar mais e não seguirem caminhos tortuosos.

Morando há quatorze anos em Paris, onde leciona — na Universidade de Lilli, a maior do Norte da França —, literatura brasileira e portuguesa, com enfoque para autores paraenses, Lindanor conversou muito sobre sua obra com os estudantes. Estes, interessados pelo assunto, não mediram esforços para dispor um sem número de perguntas à escritora, que respondia a

Aliança Francesa de Paris, em 1957, ocasião em que ganhou o prêmio de literatura "Saint-Exupéry".

Depois de convidar os alunos para o lançamento de seu livro — que será editado pela Cejup —, no dia 1º de setembro, na APL, ela falou um pouco sobre a literatura paraense da atualidade. "Dos novos, gosto muito de José Ildone", declarou a escritora. Editados pela Nova Fronteira — com exceção deste último —, os livros de Lindanor obedecem ao gênero romance. O primeiro foi "A menina que vem de Itaiara"; o segundo, "Estrada do tempo foi"; o próximo vem em forma de memória e se chama "O pranto por Dalcídio Jurandir" — onde ela

No Texto e Pretexto, a tentativa de formar leitores no ensino fundamental e médio se deu por meio da literatura produzida por autores da Amazônia. Os excertos dos textos de Lindanor Celina constante no livro são todos de Menina que vem de Itaiara, que nomeamos de Disfarces (vol.1), Esquisitices (vol.2), Dona Isa (vol.3), Mudanças (vol.4). A ficcionista é apresentada no início do livro da seguinte forma:

Bragança? Itatiaia? Onde teria nascido Lindanor Celina? Não sabemos ao certo... Menina do interior veio para Belém estudar em colégio interno. Criança irrequieta aprendeu a observar os fatos, as tradições de Bragança, terra em que passou a infância.

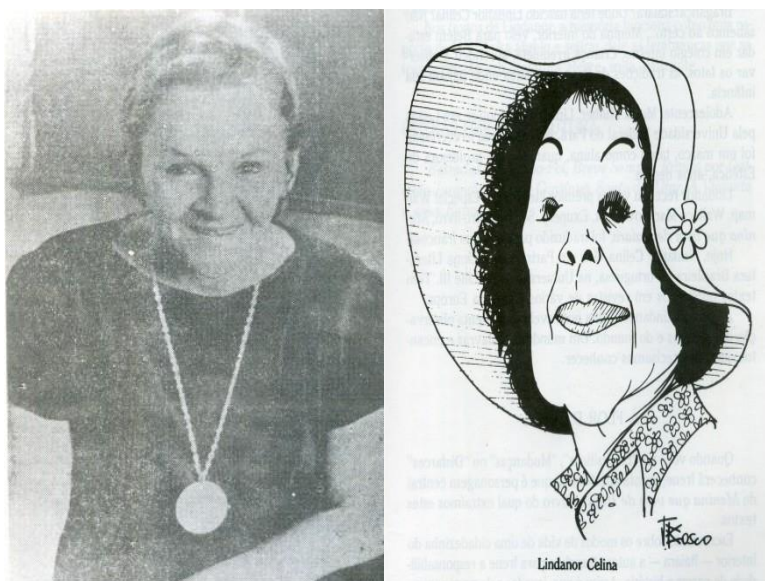
Adolescente. Moça. Mulher. Lindanor Celina formou-se em Letras, na UFPA. No curso sua irreverência foi um marco. Dizem alguns que

Lindanor foi a primeira mulher, na Universidade, que teve coragem de usar blusa sem sutiã por baixo.

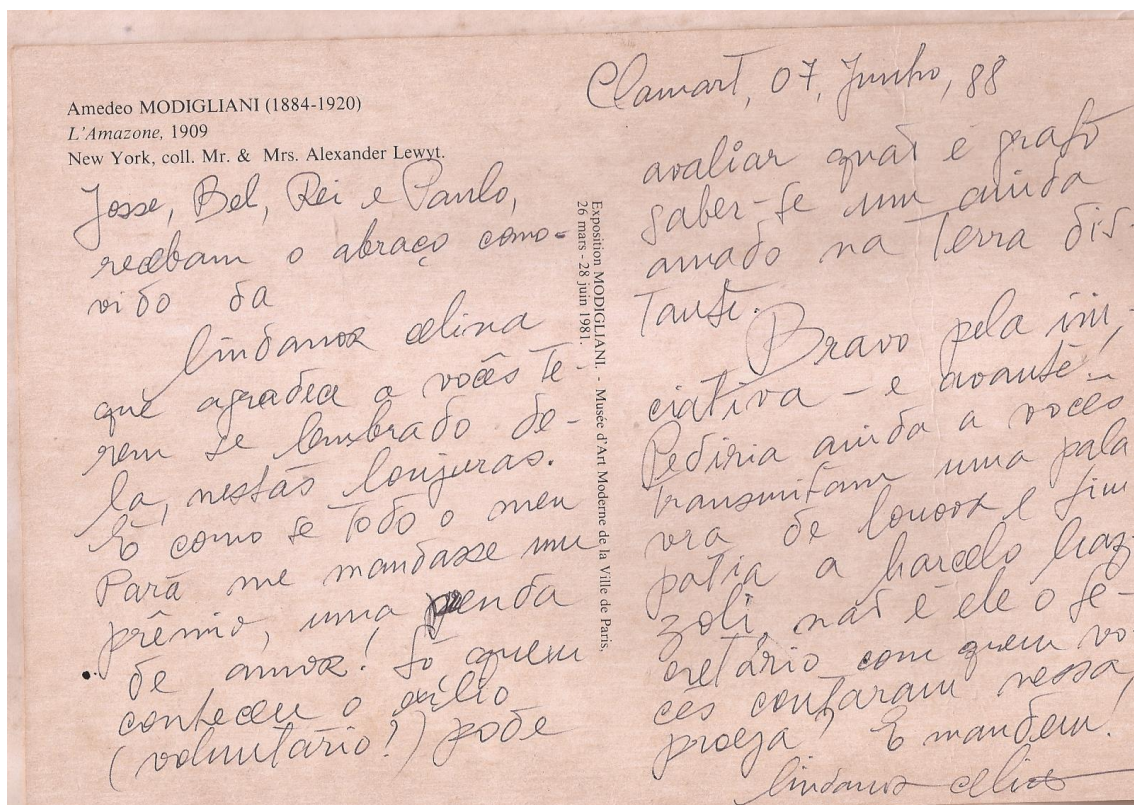
Mas vamos à sua vida literária. Lindanor lançou em 1963 *Menina que vem de Itaiara*, obra de extraordinária riqueza narrativa. Depois vem *Estradas do tempo-foi* (1969), *Breve sempre* (1973), *Pranto por Dalcídio Jurandir* (1982), *Afonso Contínuo Santo de Altar* (1986). Este último introduzindo inovações na técnica narrativa. O espaço (cenário) de seus livros são o interior do Pará, Belém e Paris.

Lindanor recebeu vários prêmios literários como o “Especial Walmap”, “Wallace Mac Dowel”, “St. Exupéry”. Teve seu primeiro livro traduzido para a língua francesa. A obra de Lindanor Celina revela uma atenta observação das pessoas e do mundo. Um mundo de palavras e encantos que nós precisamos conhecer (FARES et al, 1988, p. 15).

Além do texto de apresentação, nas edições da SEMEC, traziam fotos dos 10 autores e na da CEJUP uma charge do J. Bosco. Ela não gostou da foto que escolhemos.



Os nós que enlaçavam nossa amizade com Lindanor depois daquele dia na Escola Rotary se estreitaram ainda mais.



Andávamos pelas noturnas de Belém, apesar de a escritora não consumir bebidas alcoólicas, tinha um espírito boêmio, incentivava: “Dadadá e Josebel, quando é a próxima ‘virada’? A noite espera-nos”, escrevera na dedicatória do Diário da Ilha (1992). Linda refere-se a nós, como os “da pesada”, na crônica São dois, pai e filho, que presta uma homenagem a dois Claudios – o Leal e o Laroque - e traz um pouco de suas memórias de jornalista, dos festivais de teatro organizado por Paschoal Carlos Magno.

Não sei o que me dá, nos dias derradeiros do périplo comprido (três meses) pelo meu país; uma premência de proclamar agradecidos adeuses aos amigos certos, “os da pesada”, que enfrentaram tudo e tudo fazem para apoiar-me na aventura literária e, muito especialmente, ajudar meu novo livro. E a mãe, já viu... quem a boca do meu filho beija... “Da pesada” são idem o João Carlos Pereira, o Paulo Nunes, a Josse e a Josebel Akel Fares, e o Dadadá-Arlindo-Castro, que com sua música não esqueceu o principal: no peito dessa Lindanor desatinada ainda bate um coração, dum, durundum dum dum, dumdurum...(CELINA, 2003, p. 91).

Os lançamentos de Lindanor em Belém sempre foram festas. Autógrafos, alegria, uma conversa para cada futuro leitor daquele livro lançado. Do lançamento, na Casa da Linguagem, de **A Viajante e seus espantos**, em setembro 1988, uma foto no coreto:



No outono de 1995, eu e Dadadá Castro, acatamos o conselho da viajante e atravessamos o Atlântico, visitamos a escritora em Clamart, Paris. Inesquecíveis formas de Lindanor e Serge Casha receber. Carinho sobrava, conversas fluíam, em torno da mesa redonda cheia de petiscos e vinhos. Fomos a sua casa duas vezes. Na primeira, acompanhados de Kzan Gama, amigo músico, que morava em Paris há anos, Serge foi gentilmente nos buscar na saída do metrô; na segunda, já havíamos apreendido o caminho: metrô, ônibus e descida certinha no bloco. Troca de presentes, afagos.

A matéria viva da literatura é a memória, repetia Lindanor. Nunca serei escritora, pois a minha não é muito boa, a não ser que eu acredite no esquecimento como pivô da criação, como diz Jerusa Ferreira. Da nossa visita ao casal Casha, além do que me restou na memória, tento recuperar o registro de algumas fotos desfocadas. Há um pouco mais de vinte anos, não havia a facilidade de boas câmeras no celular, as nossas câmeras eram ruins, faltava de luz, condições de revelação, bons “fotógrafos”, conforme veem nas fotos abaixo, que insisto em reproduzir aqui.



Esta foto é da primeira visita e retrata o interior do apartamento de Lindanor e Serge. Simples, carregado de livros, discos, telas, coisas de Belém. A mesa farta. Pão e vinho necessários.



Na segunda visita. Parte exterior do bloco do condomínio. O casal fez questão de nos deixar lá embaixo, para as despedidas, mesmo tendo que descer escadas e se expor ao clima já frio do outono. Apesar de bem desfocada, na primeira estou com Lindanor e Serge, Na segunda, ela, ao lado de Dadadá, faz a performance da despedida. Quando nos veremos novamente?

Os livros de Lindanor estão ao meu redor, penso em comentar algum, mas a revista precisa ser fechada, Tempo não há mais, nem para buscar nossa correspondência e outras fotos, parte da iconografia faz parte do acervo do professor Paulo Mendes, que gentilmente me cedeu. Fica o registro.

Belém, 31 de outubro, 2017

Referencia:

CELINA, Lindanor. São dois, pai e filho in **Crônicas Intemporais**. Belém: Cejup, 2003.

FARES, Josebel et all. **Texto e Pretexto**: experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores paraense. Belém : SEMEC, 1988, (4 volumes)

FARES, Josebel et all. **Texto e Pretexto**: experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores amazônicos. 2 ed. Belém CEJUP, 1992, (2 volumes), 3 ed. Belém: CEJUP, 1996 (2 volumes).

Sobre a autora

Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes (PUCSP, 2003); mestra em Letras: Teoria Literária (UFPA, 1997); estágio Pós-Doutoral em Educação (PUCRS, 2012). Professora titular em Literatura da Universidade do Estado do Pará, do Curso de Licenciatura em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordena o Núcleo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA).